



OS ENSINAMENTOS AMOROSOS DE OVÍDIO COTEJADOS COM OS DE LUCRÉCIO (*DE RERUM NATURA* IV)

OID'S TEACHINGS ON LOVE
COMPARED WITH LUCRETIUS' (*DE RERUM NATURA* IV)

Matheus Trevisam¹

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: A preceptística galante de Ovídio, constituída pela *Ars amatoria* e pelos *Remedia amoris*, encontra paralelos no final do livro IV do *De rerum natura* de Lucrécio, no qual esse poeta desenvolve assuntos em nexos com os temas de *amor* e *Venus*. Em Lucrécio, as ideias expressas sobre o amor vinculam-se, sobretudo, ao Epicurismo, enquanto Ovídio transforma *tópoi* e situações da elegia erótica romana para a composição temática de seus poemas. Nosso objetivo, nesta exposição, será apontar eventuais pontos de contato entre as “teorias do amor” de um e outro autor romano, bem como algumas de suas diferenças.

Palavras-Chave: Poesia didática; Literatura erótica; Comparação; Lucrécio; Ovídio.

Abstract: *Ovid's teachings on love, which constitutes Ars Amatoria and Remedia Amoris, evokes parallels in the final part of Lucretius' De Rerum Natura IV, where this poet develops themes related to the subjects of amor and Venus. In De Rerum Natura IV, the ideas expressed about love are mainly connected with Epicureanism, whereas Ovid transforms tópoi and situations from Roman love elegy in order to achieve the thematic composition of his poems. The purpose of this discussion is to point out potential coincidences between the “theories of love” of both Roman poets as well as some points of divergence between them.*

Keywords: Didactic poetry; Erotic literature; Comparison; Lucretius; Ovid.

¹ matheustrevizam2000@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO:

COMENTÁRIOS INICIAIS SOBRE AS SEMELHANÇAS ENTRE OS POEMAS EROTODIDÁTICOS DE OVÍDIO E OUTRAS PRODUÇÕES LETRADAS ANTIGAS

Como ponto de partida da presente exposição a respeito das similaridades/diferenças entre os ensinamentos amorosos de Ovídio, autor de *Ars amatoria* e *Remedia amoris*, e os de Lucrécio, segundo podem ser depreendidos em *De rerum natura* IV, 1030-1287, não nos parece inútil ressaltar que esta não será a primeira vez em que se tenta estabelecer paralelos a envolverem, por um lado, a preceptística ovidiana, muitas vezes tida como irônica e irreverente² e, por outro, mais “sérios” textos de filosofia.

Com efeito, Mario Labate (1984) apontou o que julga corresponder a possíveis analogias entre o comportamento galante, segundo proposto por Ovídio para homens e mulheres em seus poemas didáticos, e certas ideias de Cícero – *De officiis* I –, no tocante à atuação do *uir bonus* no seio da comunidade cívica. Referimo-nos, aqui, à obra crítica intitulada *L'arte di farsi amare*, que se destina a oferecer leituras da supracitada *Ars amatoria* como texto passível de propiciar a inserção da experiência amorosa em um âmbito social mais integrado e menos claustrofóbico que o da elegia erótica romana, fonte de tantos temas e *tópoi* (além do próprio metro) da erotodidáxis de Ovídio.

A título de uma sumária recapitulação de algumas dessas ideias do filólogo italiano, lembramos, então, que ele destacou, na obra ciceroniana em pauta e na *Ars amatoria*, duas linhas de força básicas, às quais o *uir bonus* (ou *amator*) deveria(m) ater-se, a fim de movimentar-se com maior sucesso nos meandros das relações com os pares (ou parceiros). Tais linhas de força seriam, a

² O próprio Ovídio, ao que tudo indica, aponta nas obras do exílio para interpretações de sua *Ars amatoria* que se coadunam com ver, nesse poema, uma espécie de jogo imbuído de significados altamente irreverentes, passíveis, até, de terem motivado seu desterro em Tomos, nas costas do Mar Negro [AVELLAR, 2015, p. 13-14: “De acordo com o eu-poético dos *Tristia*, a causa do exílio é atribuída a um ‘poema’ e a um ‘erro’ *carmen et error* (Tr. II, 207). O *carmen* é geralmente associado à *Ars amatoria* (todo o livro II dos *Tristia* é uma apologia dessa obra anterior), poema sobre a arte da conquista e com diversos exemplos de adultério, composto ironicamente sob a forma de um tratado didático. Ora, uma obra com tais ensinamentos se opunha à política augustana de estímulo de casamentos e de coibição do adultério por meio de leis – *Lex Iulia de maritandis ordinibus* (18 a.C.) e *Lex Iulia de adulteriis coercendis* (17 a.C.) –, o que justificaria o fato de ela ser considerada um dos motivos de ‘perda’ do eu-poético. O *error*, entretanto, não é explicitado em momento algum pelo eu-poético dos *Tristia*, o que gerou uma série de estudos tentando desvendar o mistério, muitas vezes com as hipóteses as mais fantasiosas” .].

saber, 1. a manifestação de *uma conduta de afabilidade* no trato com os demais e 2. *a flexibilidade de ação* a ser adotada pelos indivíduos conforme suas inclinações pessoais e as diversas circunstâncias em que é necessário agir socialmente (LABATE, 1984, p. 121 *et seq.*), sejam elas quais forem.

Quanto, porém, a nossos próprios objetos de estudo comparativo, uma semelhança geral entre os ensinamentos amorosos de Ovídio e aqueles esboçados por Lucrécio em *De rerum natura* IV, 1030-1287 diz respeito a seu acolhimento por uma forma literária comum. Evidentemente, referimo-nos aqui ao emprego do “gênero” da poesia didática antiga para a tessitura estrutural tanto do único poema de Lucrécio quanto de obras como *Ars amatoria* e *Remedia amoris*. Pode-se dizer que as raízes genéricas de todos esses textos se encontram no poeta grego Hesíodo de Ascra (séc. VIII-VII a.C.): em *Os trabalhos e os dias*, por sinal, já aparecem muitos dos traços compositivos que se transmitiriam, ao longo da prática poética antiga, até Lucrécio e o Ovídio da preceptística amorosa. Entre eles, podemos mencionar o próprio emprego de uma situação comunicativa na qual o foco de emissão da “voz” textual corresponde a um “mestre”, que se dirige a um “aluno” para instruí-lo em um saber ou técnica qualquer, de modo organizado e minimamente sistemático (TOOHEY, 2010, p. 4).

Além disso, havendo, ao longo de *Os trabalhos e os dias*, o entremear de alguns relatos, como o do mito das Idades (v. 106-201), o mito de Pandora (v. 42-105) e a fábula do falcão e do rouxinol (v. 202-212), junto aos preceitos morais (e agrícolas) reunidos pelo poeta (TOOHEY, 2010, p. 22), esse constitui mais um elemento que se encontra na sucessão dos “espécimes” igualmente ligados ao modelo didático, chegando a Lucrécio e Ovídio. Como derradeiro fator vinculado à manutenção de traços hesiódicos no mesmo texto lucreciano, ao menos, vale a pena destacar o emprego dos versos hexâmetros datílicos para a feitura do poema, de modo que tal forma rítmica acaba, inclusive, atribuindo à maioria dos “espécimes” didáticos alguma familiaridade com a épica heroica de modelo homérico (GALE, 1996, p. 99 *et seq.*). Devemos, no entanto, ressaltar que a erotodidaxis de Ovídio (*Ars amatoria*, *Remedia amoris* e, até, *Medicamina faciei femineae*) foi composta de maneira híbrida, pois manifesta a presença de todos os traços da poesia didática que mencionamos até aqui, a não ser o emprego dos hexâmetros datílicos, nesse caso substituídos por dísticos elegíacos.

EXAME COMPARATIVO DOS MODOS DE ENSINAMENTO AMOROSO PRESENTES NA EROTODIDÁXIS OVIDIANA E EM *DE RERUM NATURA* IV

Sob o ponto de vista estrito do modo de Lucrécio e Ovídio desenvolverem seus ensinamentos a respeito da correta condução da vida erótico-amorosa dos indivíduos, logo de início se destaca a recorrência comum à noção do *controle*. Em Lucrécio, com efeito, que não cria simplesmente as ideias filosóficas veiculadas em *De rerum natura*, mas baseia-se em Epicuro de Samos (séc. IV-III a.C.) para posicionar-se, sob um viés filosófico, como devotado seguidor desse mestre, temos como diretriz essencial da vida do sábio a aquiescência comedida a todas as formas de desejo, inclusive àquele atinente às relações erótico-amorosas entre os parceiros. Sabemos, com efeito, que um modo possível de dispor os desejos em uma escala classificatória, de acordo com as ideias epicuristas, corresponde a vê-los como 1. naturais e necessários (a exemplo da frugal bebida e dos alimentos simples), 2. naturais e não necessários (a exemplo das práticas sexuais e dos manjares finos) e 3. não naturais e não necessários 3. (a exemplo de vãos intentos de fama e glória), dando-se que, quanto mais distantes da estrita necessidade, menos presentes devem ir-se fazendo na vida de um verdadeiro adepto da escola filosófica em jogo (HADOT, 2010, p. 174).

Além disso, como nos lembra Pierre Hadot (2010, p. 172), em que pese à visão de certo prazer como sumo Bem humano, segundo o epicurismo, deve-se evitar a busca desenfreada daqueles prazeres “em movimento”, cuja propagação na carne provoca “uma excitação violenta e efêmera”.³ Eles, com efeito, “são

³ Veja-se também BROWN, 1987, p. 104: “The greatest pleasure, in fact, is freedom from pain in body (*aponía*) and in mind (*ataraxía*). Building upon an Aristotelian distinction, Epicurus names this state ‘katastematic’ pleasure – pleasure associated with a settled condition which is the feeling of well-being when the body and/or mind is functioning in a calm and regular way, free from disturbance. Contrasting with this is ‘kinetic’ pleasure – pleasure associated with motion – which refers to the intenser but more transitory pleasures of ordinary parlance, such as those of taste, touch, and smell (D.L. 10.136, Epic. n. [7] Arrighetti, Cic. *Fin.* 2.9-10, 16, 2B-30, 75). According to the prevailing modern interpretation, *katastematic* pleasure is the negation of pain, whereas *kinetic* pleasure embellishes, titillates, or varies what is already in a painless condition (cf. KD 1B). The pleasure of taste, for example, is a *kinetic* embellishment of the *katastematic* pleasure enjoyed by the healthy and normally functioning palate”. – “O maior prazer, na verdade, é o alheamento à dor do corpo (*aponía*) e da mente (*ataraxía*). Baseando-se em uma distinção aristotélica, Epicuro chama a esse estado prazer ‘catastematático’ – prazer associado a uma condição estabelecida –, que é a sensação de bem-estar quando o corpo e/ou a mente estão funcionando de uma forma calma e regular, livre de perturbações. Contrastando com isso há o prazer ‘cinético’ – prazer associado ao movimento –, que se refere aos intensos, porém mais transitórios, prazeres do linguajar comum, tais como os do paladar,

insaciáveis e, tendo chegado a certo grau de intensidade, tornam a trazer sofrimentos. É necessário distinguir totalmente desses prazeres móveis o prazer estável, o prazer em repouso como um ‘estado de equilíbrio’. É o estado do corpo apaziguado e sem sofrimento, que consiste em não ter fome, nem sede, nem frio” (HADOT, 2010, p. 172).

Em outras palavras, conforme Epicuro – ou Lucrécio, seu seguidor em *De rerum natura* –, através da “ascese dos desejos”,⁴ não se trata de negar uma experiência como a do sexo, mas antes de reconhecer que com muito pouco, nesse como em outros quesitos naturais, satisfazem-se as necessidades de alguém em equilíbrio. Em *De rerum natura*, por sinal, aponta-se mesmo para as chances de plena satisfação erótica através de eventuais relacionamentos com *quaisquer parceiros disponíveis*, mesmo os faltos de destacados atrativos:

Mas convém fugir a essas imagens, afastar de si os alimentos do amor, pensar em outras coisas e *lançar num corpo qualquer o líquido coligido: não devemos retê-lo, convertê-lo a um único amor e preparar para si próprio um cuidado e uma dor certa, porque a ferida se fortalece e se torna inveterada se a alimentarmos* (grifo nosso). De dia para dia, cresce o furor e se torna mais pesada a pena, se não se apagam com feridas novas os golpes antigos, se, variando, não se confiam ainda recentes a Vênus vagabunda ou não se podem transferir a outro objeto os movimentos do espírito. E aquele que evita o amor não fica privado dos frutos de Vênus, mas antes recolhe aquilo que é agradável e sem as dificuldades. Efetivamente, o prazer que recolhem os que estão de cabeça fria é mais puro do que o dos desvairados. No próprio momento da posse, o ardor dos amantes flutua ao sabor de incertos impulsos e não sabem ao certo se primeiro hão de gozar com os olhos ou com as mãos. Apertam estreitamente o que desejaram, provocam dores no corpo, muitas vezes ferem os lábios com os dentes e os magoam de beijos: tudo isto porque não é puro o seu prazer e há ocultos estímulos que os instigam a ferir e magoar aquilo mesmo, seja o que for, donde surgiram aqueles germes de furor.⁵

do tato e do olfato (DL 10,136, Epic. N. [7] Arrighetti, Cic. Fin. 2,9-10, 16, 2B-30, 75). De acordo com a interpretação moderna em curso, o prazer ‘catastemático’ é a negação da dor, ao passo que o prazer ‘cinético’ embeleza, deleita, ou varia o que já está sob condição indolor (cf. KD 1B). O prazer do gosto, por exemplo, é um adorno ‘cinético’ do prazer ‘catastemático’ apreciado pelo paladar saudável e funcionando normalmente” (trad. Matheus Trevizam).

⁴ HADOT, 2010, p. 174: “A ascese dos desejos consistirá em limitá-los, suprimindo os que não são naturais nem necessários, limitando o mais possível os que são naturais, mas não-necessários, pois eles não suprimem um sofrimento real, visam apenas às variações no prazer e podem arrastar a paixões violentas e desmedidas”.

⁵ LUCRÉCIO, *De rerum natura* IV, 1063-1083: *Sed fugitare decet simulacra et pabula amoris/ abstertere sibi atque alio conuertere mentem/ et iacere umorem collectum in corpora quaeque/ nec retinere, semel conuersum unius amore,/ et seruare sibi curam certumque dolorem./ Vlcus enim uiuescit et inueterascit alendo/ inque dies gliscit furor atque aerumna grauescit,/ si non prima nouis conturbes uulnera plagis/ uulgiuagaque uagus Venere ante recentia cures/ aut alio possis animi traducere motus./ Nec Veneris fructu caret is qui uitat amorem,/ sed potius quae sunt sine poena commoda sumit./ Nam certe purast sanis magis inde uoluptas/ quam miseris. Etenim potiundi tempore in ipso/ fluctuat incertis*

A passagem lucreciana supracitada, na verdade, permite-nos divisar a diferença, para esse autor, entre o que seria “Vênus”, entendida como vivência da sexualidade sob forma natural e positiva, e o “amor” passional, experiência afastada do modelo de vida eleito pelo sábio na medida em que, longe de libertá-lo do sofrimento, prende-o com pesados grilhões a um único, e insubstituível, objeto de desejo (BROWN, 1987, p. 65). Desse modo, Lucrécio parece dizer, no trecho acima traduzido, que mesmo o sexo, quando inserido em contexto de paixão e intentos de posse exclusivista do ser amado, deturpa-se em ato incompatível com a obtenção de verdadeiro bem-estar físico e mental, pois gera uma espécie de sofreguidão inextinguível, como se desejássemos apagar uma chama alimentando-a com mais ardor.⁶

Desejando, porém, divisar na própria erotodidáxis ovidiana como se dá o princípio do controle nos relacionamentos amorosos, convém ter cautela com a compreensão dos atos galantes a serem potencialmente adotados pelos *discipuli/ae* de Ovídio na *Ars amatoria*. Como bem observou Gian Biagio Conte (1991, p. 53-54), embora eles, sob superficial aparência, reproduzam em grande medida os gestos e posicionamentos dos amantes da produção elegíaca típica, não se trata de fato das mesmas personagens que divisamos em um e outro universo literário:

A afirmação de que a *Ars amatoria* propõe uma gramática da elegia cria a expectativa de que a aplicação de suas regras conduziria à performance correta do amor elegíaco. Contudo, não há dúvida de que um estudante do poema de Ovídio seria muito diferente de um atormentado e infeliz amante da elegia. Para fazer-se “ensinável”, a elegia, tacitamente, teve de sacrificar sua própria natureza. A

erroribus ardor amantum/ nec constat quid primum oculis manibusque fruuntur./ Quod petiere, premunt arte faciuntque dolorem/ corporis et dentis inlidunt saepe labellis/ osculaque adfligunt, quia non est pura uoluptas/ et stimuli subsunt qui instigant laedere id ipsum/ quodcumque est, rabies unde illaec germina surgunt (trad. Agostinho da Silva).

⁶ LUCRÉCIO, *De rerum natura* IV, 1086-1096: *Namque in eo spes est, unde est ardoris origo, / restingui quoque posse ab eodem corpore flammam. / Quod fieri contra totum natura repugnat; / unaque res haec est, cuius quam plurima habemus, / tam magis ardescit dira cuppedine pectus. / Nam cibus atque umor membris assumitur intus; / quae quoniam certas possunt obsidere partis, / hoc facile expletur laticum frugumque cupido. / Ex hominis uero facie pulchroque colore / nil datur in corpus praeter simulacra fruendum / tenuia; quae uento spes raptast saepe misella.* – “Há sempre uma esperança de que o corpo, que é a origem do furor, possa ele próprio extinguir a chama. No entanto, a natureza é inteiramente contra isto; é o amor o único objeto que, quanto mais possuímos, tanto mais incendeia o nosso peito com terríveis desejos. De fato, a comida e a bebida são levados para o interior do corpo e, como podem ficar alojadas em lugares determinados, é fácil satisfazer-se o desejo de líquidos e frutos. Mas, realmente, duma face humana e duma linda cor nada vem ao corpo, para que ele goze, senão frágeis simulacros; esperança miserável que muitas vezes é levada no vento” (trad. Agostinho da Silva).

ideologia elegíaca, na verdade, associava amor a furor em um elo retórico estreito e, confiando a paixão erótica à lógica dos impulsos impetuosos, negava-lhe a positividade de uma satisfação estável. A retórica do *sapienter amare* que governa o todo da *Ars amatoria* é, então, o oposto exato da elegia real. O princípio didático do *utile* contradiz em um ponto fundamental a retórica da elegia, que demanda que o poeta-amante esteja disposto a aceitar sofrimentos, mesmo ao ponto da autoflagelação. (...) Agora aprendemos, em vez disso, como reduzir todos os momentos da relação amorosa à estratégia da maior vantagem possível. Mesmo o sofrimento não é excluído, desde que se reduza a funcionar como meio de atingir o *utile*. A fim de ganhar o favor da *puella*, será útil a seu pretendente parecer estar em sofrimento: *est tibi agendus amans imitandaque uulnera uerbis* (“Deves representar o amante e imitar suas feridas com palavras”. – *Ars amatoria* I, 611).⁷

Não será inútil, aqui, tecermos breves comentários adicionais sobre certos traços do amor à maneira elegíaca, conforme acima abordados por Conte. Para isso, consideramos proveitoso trazer à discussão alguns aspectos concretos desse afeto, como se enunciam programaticamente, já, na elegia inicial do *Monobiblos* properciano. Naquele texto, prevalecia a imagem de um poeta-amante de todo absorvido pela onipresente e insubstituível figura de *Cynthia*: essa *puella*, com efeito, que abre como palavra inicial a própria coletânea da obra do autor, conforme ela chegou até nós, é logo apresentada à maneira de alguém a capturar um pobre apaixonado (*cepit*, v. 1). Cíntia, ainda, permanece um elemento essencial da poética properciana até a elegia do *discidium* (“ruptura”), em III, 24, quando ele, enfim, passa a dedicar-se a outras formas de fazer versos (CONTE, 1999, p. 335-336).

Desse momento da “captura” em diante, pode-se imaginar que a vida do amante se coloca sob o jugo de várias dificuldades e dores: com efeito, ele deixa de ser altivo (*tum mihi constantis deiecit lumina fastus* – “então Amor tirou-me a

⁷ CONTE, 1991, p. 53-54: “The statement that the *Ars amatoria* proposes a Grammar of elegy creates the expectation that the application of its rules would lead to the correct performance of elegiac Love. Yet there is no doubt that a diligent student of Ovid’s poem would be very different from the tormented and unhappy lover of elegy. To make itself teachable, elegy has tacitly had to sacrifice its own nature. The ideology of elegy, in fact, associated love and furor in a strict rhetorical bound, by entrusting erotic passion to the logic of impetuous impulses, denied it the positivity of a stable satisfaction. The rhetoric of *sapienter amare* which governs the whole *Ars amatoria* is thus the exact opposite of real elegy. The didactic principle of the *utile* contradicts in a fundamental point the rhetoric of elegy, which demands that the love-poet be willing to accept sufferings even to the point of self-injury. (...) Now we learn instead how to reduce all the moments of a love relation to the strategy of the greatest possible advantage. Even suffering is not excluded, so long as it is reduced to functioning as a means for attaining the *utile*. To gain the favor of the *puella*, it will be useful for her suitor to appear to be suffering: *est tibi agendus amans imitandaque uulnera uerbis* (You must play the lover, and imitate wounds with words, *Ars am.* 1.611)” – trad. Matheus Trevizam.

altivez do olhar”, v. 3);⁸ tem a cabeça, metaforicamente, esmagada pelo Amor (*et caput impositis pressit Amor pedibus* – “e esmagou minha testa com seus pés”, v. 4); experimenta um mal passível de equiparar-se à loucura, como que perseguido pelos deuses (*et mihi iam toto furor hic non deficit anno, / cum tamen aduersos cogor habere Deos* – “já faz um ano que o furor não me abandona/ e ainda sofro os Deuses contra mim”, v. 7-8). Diante de tantos malefícios a si infligidos pelo sentimento amoroso, acrescentamos, não é espantoso se o *exemplum* mítico em seguida utilizado nessa elegia diz respeito justo à história de incondicional subserviência de Milanião a Atalanta, jovem no começo refratária a qualquer união com os homens, pois talvez se votara a uma deusa virgem, Ártemis caçadora (v. 9-14).⁹

Apesar do sucesso do *seruitium amoris* de semelhante apaixonado mítico a tal mulher, o mesmo não se passa com “Propércio”, pois, como nos diz em v. 17-18, o Amor, lento em seu caso, “não trama seus ardis” (*non ullas cogitat artes*) “nem sabe mais seguir as velhas vias” (*nec meminit notas, ut prius, ire uias*). Sequencialmente, vemos a continuidade do *tópos* do sentimento amoroso como doença, pois por um lado se fala, na passagem de invocação às feiticeiras tessálicas, no desejo de elas virem a tornar sua amada mais pálida que ele próprio (*en agedum dominae mentem conuertite nostrae, / et facite illa meo palleat ore magis!* – “vamos, mudai o coração de minha dona/ e tornai-a mais pálida que eu!”); por outro, entre v. 25-30, a fim de poder-se curar seu “peito enfermo” (*non sani pectoris*, v. 25), o poeta sugere uma série de recursos terapêuticos a seus amigos, sendo que poderão incluir “ferro e fogo” (*ferrum... et ignis*, v. 27) e uma viagem para longe de qualquer objeto do desejo (*ferte per extremas gentis et ferte per undas / qua non ulla meum femina norit iter* – “levai-me por longínquos povos, pelas ondas,/ onde mulher alguma encontre o rastro”, v. 29-30).

A conclusão desta elegia, enfim, aconselha os que estão “satisfeitos” com seus amores a evitar a troca de parceiros, pois, imaginamos, sempre haveria o

⁸ Todas as traduções do poema inicial do *Monobiblos* properciano aqui apresentadas são de autoria de Guilherme Gontijo Flores (PROPÉRCIO, 2014, p. 32-33).

⁹ GRIMAL, 1963, p. 55-56: «Atalante ne voulait pas se marier, soi par fidélité à Artemis, soit parce qu’un Oracle lui avait annoncé que, si elle se mariait, elle serait transformé en un animal. Aussi, pour éloigner ses prétendants, avait-elle annoncé qu’elle n’épouserait que l’homme capable de la vaincre à la course. Si elle était victorieuse, elle mettrait le prétendant à mort». – “Atalanta não queria casar-se, pois um Oráculo tinha anunciado a ela que, caso se casasse, seria transformada em um animal. Ainda, para afastar seus pretendentes, ela tinha anunciado que apenas se casaria com o homem capaz de vencê-la na corrida. Se ela fosse vitoriosa, mandaria o pretendente à morte” (trad. Matheus Trevizam).

risco de toparem com alguém tão pérfido quanto Cíntia (*in me nostra Venus noctes exercet amaras,/ et nullo uacuuus tempore defit Amor* – “a mim a nossa Vênus traz noites amargas,/ e nunca me abandona um vão Amor”, v. 33-34):

Aconselho, evitai meu mal! Que cada um cuide/ do costumeiro Amor sem permutá-lo./ Porém, se alguém não der ouvido ao meu aviso,/ ah! Com que dor trará minhas palavras!¹⁰

É justamente em face desses e de outros perigos – como a própria perda do patrimônio dos ancestrais – que “mestres de amor” como Lucrécio e, na sequência, o Ovídio da preceptística galante, tentam dissuadir seus alunos/-as de se envolverem com mulheres, ou homens, de modos perigosos, porque estabelecadores de elos passionais demasiado estreitos para permitirem às “vítimas” alguma forma de moderação, por exemplo, nas finanças:

“Os bens honestamente adquiridos pelos pais convertem-se em diademas, mitras, em mantos e em fazendas de Alindes ou de Ceos. Preparam-se banquetes notáveis pela decoração e pela comida, jogos, taças, que se seguem umas às outras, perfumes, coroas e grinaldas; (...)”¹¹

“Que dizer das roupas? Não exijo bordados nem tu, ó lâ, que te enrubesces no múrice de Tiro. Quando há tanta oferta de cores menos dispendiosas, que loucura é a de levar sobre o corpo toda uma fortuna?”¹²

Dessa maneira, o controle, em Lucrécio e Ovídio, visa sempre a afastar os envolvidos dos malefícios da paixão cega: no primeiro, como vimos, porque querer apossar-se em vão de outro ser não se enquadra nos critérios de serena “ataraxia” propostos por Epicuro, com a ideia envolvida da manutenção de um modo de viver pautado pelo comedimento e equilíbrio; no segundo, devido ao próprio esboço do curso de amor ao modo de uma grande armadilha para a fria captura de presas:

¹⁰ PROPÉRCIO, 2014, p. 32-33: *Hoc, moneo, uitate malum; sua quemque moretur/ cura, neque assueto mutet Amore locum./ Quod si quis monitis tardas aduerterit auris,/ heu referet quanto uerba dolore mea!* (trad. Guilherme G. Flores).

¹¹ LUCRÉCIO, *De rerum natura* IV, 1129-1132: *Et bene parta patrum fiunt anademata, mitrae,/ interdum in pallam atque Alidensia Ciaque uertunt./ Eximia ueste et uictu conuiuia, ludi,/ pocula crebra, unguenta coronae sarta parantur, (...).* – trad. Agostinho da Silva.

¹² OVÍDIO, *Ars amatoria* III, 169-172: *Quid de ueste loquar? Nec nunc segmenta requiro,/ nec quae de Tyrio murice, lana, rubes;/ cum tot prodierint pretio leuiore colores,/ quis furor est census corpore ferre suos?* (trad. Matheus Trevizam).

Dizei “Io Péan” e dizei duas vezes “Io Péan”! *A presa desejada caiu-me nas redes* [grifo nosso]; o amante satisfeito premia meus versos com a palma verdejante e prefere-os aos dos velhos de Ascra e da Meônia; assim o hóspede Priameu inflou as cândidas velas para longe de Amiclas belicosa, raptando uma esposa; assim era o que te levava em um carro triunfante, ó Hipodâmia, transportando-te sobre rodas estrangeiras.¹³

É óbvio, então, no caso da *Ars*, que não interessa a um calculista e manipulador dos afetos alheios deixar-se ele mesmo prender nas malhas de emoções impetuosas demais para serem “domadas”. Neste ponto de nossa exposição, importa ressaltar, como diferença possível entre os ensinamentos amorosos de Lucrecio e desse poema erotodidático de Ovídio, que, na obra do epicurista, tal controle diz respeito à disciplina de si próprio, em caminhada gradativa, individual e inalienável nas sendas da sabedoria.¹⁴ No sulmonense, porém, embora grande disciplina e regramento de si, ao longo de um aprendizado galante tão exigente, não estejam de forma alguma descartados,¹⁵ o objetivo corresponde, antes de mais nada, a manter o outro, o objeto amoroso que

¹³ OVÍDIO, *Ars amatoria* II, 1-8: *Dicite “Io Paeon!” et “io” bis dicite “Paeon!”/ Decidit in casses praeda petita meos;/ laetus amans donat uiridi mea carmina palma/ praelata Ascraeo Maeonioque seni;/ talis ab armiferis Priameius hospes Amyclis/ candida cum rapta coniuge uela dedit;/ talis erat, qui te curru uictore ferebat,/ uecta peregrinis Hippodamia rotis* (trad. Matheus Trevizam).

¹⁴ HADOT, 2010, p. 181: “Para chegar à cura da alma e a uma vida de acordo com a escolha fundamental, não basta ter tomado conhecimento do discurso filosófico epicurista. É necessário exercitar-se continuamente. Antes de tudo, é necessário meditar, isto é, compenetrar-se intimamente, tomar consciência intensa dos dogmas fundamentais. (...) Sobretudo, é necessário praticar a disciplina dos desejos, é necessário saber contentar-se com o que é fácil de alcançar, com o que satisfaz as necessidades fundamentais do ser, e renunciar ao que é supérfluo. Fórmula simples, mas que não deixa de levar a uma alteração radical da vida: contentar-se com comidas simples, roupas simples, renunciar às riquezas, às honras, aos cargos públicos, viver retirado”.

¹⁵ OVÍDIO, *Ars amatoria* II, 536-544: *Magna canam; toto pectore, uulgus, ades!/ Ardua molimur; sed nulla, nisi ardua, uirtus;/ difficilis nostra poscitur arte labor./ Riualet patienter habe; uictoria tecum/ stabit; eris magni uictor in arte Iouis./ Haec tibi non hominem, sed quercus crede Pelasgas/ dicere. Nil istis ars mea maius habet./ Innuet illa; feras; scribet, ne tange tabellas;/ unde uolet, ueniat, quoque libebit, eat.* – “Cantarei o que tem peso: povo meu, dá-me toda a atenção! Empenhamo-nos em tarefas árduas, mas nenhum mérito há sem ser árduo; nossa arte exige um trabalho difícil. Trata teu rival com paciência; a vitória estará ao teu lado: serás vencedor na arte do grande Júpiter. Não creias ouvir isto de um homem, mas dos carvalhos pelasgos; minha arte nada contém de mais importante que estes avisos. Ela sinalizará para ele: aguenta-o; ele vai escrever-lhe: não toques nas tabuletas. Que ela venha donde quiser e vá para onde lhe agradar” (trad. Matheus Trevizam).

se *escolhe*¹⁶ e por cuja conquista se luta, dentro da segura área de influência do galanteador(a).

Também poderíamos divisar, nas concepções partilhadas por Lucrécio e Ovídio a respeito da vivência erótico-amorosa ideal como algo de todo distanciado de excessivos arroubos passionais, que a negação do intento de apaixonar-se, preenchendo o peito inteiro, ou mesmo a totalidade da vida, com as atenções a um único ser “eleito” acaba resultando em uma forma de agir “livre”. Esse detalhe dos ensinamentos amorosos lucrecianos, por exemplo, já se fazia presente em um trecho da citação de *De rerum natura* transcrita acima, em que o poeta recomendava ao homem, na tradução de Agostinho da Silva, não só “lançar num corpo qualquer o líquido [seminal] coligido” (IV, 1065), mas ainda confiar “[as feridas de amor] ainda recentes a Vênus vagabunda”, pela transferência “a outro objeto dos movimentos do espírito” (IV, 1070-1072).

Quanto a uma obra como a *Ars amatoria* ovidiana, nota-se com facilidade que “ser exclusivista”, ou atento a um único ser (ou grupo), não se enquadra nos horizontes previstos pelo *magister amoris*, em mais de um sentido. Com isso, por um lado aludimos à natureza altamente movediça da postura desse *magister* diante de seus *discipuli/-ae*, como se ele chegasse até a trair a confiança de tais alunos:¹⁷ como exemplo possível desse elemento da labiríntica tessitura do

¹⁶ OVÍDIO, *Ars amatoria* I, 41-42: *Dum licet et loris passim potes ire solutis, / elige cui dicas “Tu mihi sola places”*. – “Enquanto é lícito e de rédeas soltas ao acaso podes ir, escolhe a quem dizer: “Só tu me agradas” (trad. Matheus Trevizam).

¹⁷ ALLEN, 1992, p. 20: “Beyond casting doubts on his own experience, the preceptor also calls into question his student’s ability to learn from it. He hints, from time to time, that their very need for him shows how inadequate they are: in the Golden Age, he informs men, no teacher was needed for love (2.479). His female readers, too, are failures: if beautiful women needed no *praecepta*, as he proposes (3.256-57), one can infer with Ovid’s translator Peter Green that those who must read the *Ars* are like “the clientele of a marriage bureau or lonelyhearts column, who are not drawn, by and large, from the well-heeled, the well-favoured or the well-adjusted”. Instruction and abuse go hand in hand, the preceptor’s insincerity is patent, as is his low opinion of his readers, yet somehow he manages to persuade them (us) to continue to read, trusting and mistrusting him simultaneously, accepting the profound conflicts the *Ars* and the *Remedia* contain”. – “Além de pôr em dúvida sua própria experiência, o preceptor também põe em cheque a capacidade de seus alunos para aprender com ele. Ele sugere, de tempos em tempos, que sua própria necessidade dele mostra o quão inadequados são: na Idade Áurea, ele informa aos homens, nenhum professor era necessário para o amor (2.479). Suas leitoras do sexo feminino, também, são fracassos: se as mulheres bonitas não precisavam de *praecepta*, como ele propõe (3,256-57), pode-se inferir com o tradutor de Ovídio, Peter Green, que aqueles que devem ler a *Ars* são como ‘a clientela de uma agência matrimonial ou ‘coluna Lonelyhearts’, que não provêm, de modo geral, dos endinheirados, bem-dotados ou bem-ajustados’. Instrução e abuso vão de mãos dadas, a falta de sinceridade do preceptor é patente, como é sua má opinião sobre seus leitores, mas de algum modo ele consegue

poema didático em pauta, podemos servir-nos do próprio gesto de escritura de um terceiro livro, desta feita destinado a instruir as *mulheres* em artes de sedução, no mínimo, tão insidiosas quanto aquelas que foram ensinadas aos varões nas duas primeiras partes. Com esse último comentário, desejamos chamar a atenção para o fato de que, depois de se ter pretendido, nos livros I e II da *Ars amatoria*, ensinar aos homens a fria e insidiosa “captura” de presas femininas, passa-se inesperadamente, no livro III, a voltar o ataque contra os próprios homens, que agora poderão ser “capturados” com armas semelhantes pelas mulheres (HOLZBERG, 2002, p. 106).

Ainda sobre a postura movediça do *magister amoris* ovidiano diante dos *discipuli*, embora o *magister* diga [aos homens], em *Ars III*, 9, que não se pratica nada de muito grave através do gesto de “armar” as moças para o combate, pois, em sua maioria, não são “criminosas”, notávamos em I, 643-644 justo a emissão de juízos contrários a semelhante ponto de vista (!).¹⁸ Nesse caso, porém, são as mulheres que se veem expostas aos ardis de seu “mestre”, como se ele forjasse para elas, com suas palavras, imagens antes de mais nada vinculadas a seus próprios interesses momentâneos, ou seja, ora extremamente negativas – para fazer os homens aprenderem com empenho as lições oferecidas –, ora muito mais brandas, para justificar-se diante do eventual leitor masculino pelo que nos parece, através da escrita de *Ars III*, uma traição à sua confiança pregressa. Adicionalmente, é claro que minimizar quaisquer culpas antes atribuídas à contraparte feminina do jogo de sedução contribui, na própria introdução do livro III da obra em pauta, para a *captatio benevolentiae* das leitoras.

Por outro lado, se desejarmos apontar, ao longo da mesma *Ars amatoria*, de que modo os próprios homens e mulheres a seguirem o curso de galanteria como proposto acabam sendo direcionados para a falta de real comprometimento e respeito diante de seus parceiros, sejam eles quais forem, também não nos faltarão exemplos: assim, na descrição da cena do banquete em I, 563 *et seq.*, lê-se que a *puella* a ser conquistada já tem, na verdade, outro “homem” (*uiro*, v. 577), o qual, imaginamos, não há de simplesmente descartar quando do início do relacionamento amoroso com o *discipulus* ovidiano. Ainda, no livro II (v. 395-396), fala-se na necessidade de o jovem amante examinar as tabuletas que manda

persuadi-los (a nós) de continuar a ler, confiando e desconfiando dele simultaneamente, aceitando os profundos conflitos que a *Ars* e os *Remedia* encerram” (trad. Matheus Trevizam).

¹⁸ OVÍDIO, *Ars amatoria* I, 643-644: *Fallite fallentes; ex magna parte profanum/ sunt genus; in laqueos quos posuere cadant.* – “Enganai as enganadoras: em sua maior parte, são de uma laia criminosa; caíam, pois, nos laços que armaram” (trad. Matheus Trevizam).

com mensagens para sua *puella*, pois “muitas leem mais do que o enviado para elas” (*plus multae, quam sibi missa, legunt*): o que devemos ver em semelhante recomendação a não ser um sinal de que a vida do amante não é tão regrada, pois ele necessita esconder, é provável, de uma mulher as palavras de amor destinadas a outra?

Enfim, no livro III da *Ars amatoria*, apesar da irônica abertura desse segmento da obra com, segundo descrevemos, certo gesto de “inocentar” as mulheres e, inclusive, citar no proêmio várias personagens femininas caracterizadas por um peito resoluto (Penélope, Laodâmia, Alceste, Evadne etc.), o prosseguimento dos versos acaba por revelar que o próprio *magister* tem como natural e previsível que, justamente, suas *discipulae* não se atenham só ao homem conquistado há pouco:

Enquanto se enleia nas redes, ou mesmo há pouco capturado, que teu amante espere ter-te o leito com exclusividade. Logo depois, deixa-o saber do rival e dos acordos de partilha do leito: sem esses artifícios, o amor fenece.¹⁹

Ou mesmo a alguém anteriormente “fisgado”:

Estava prestes a omitir de que modo é possível enganar um marido astuto e um vigia atento. Que a esposa respeite o marido: ratifique-se a tutela da esposa; é o que convém, o que prescrevem as leis, o líder e o pudor. Mas quem toleraria que também tu, há pouco liberta pela varinha do pretor, fosses guardada? Para iludir, vem a meus cultos.²⁰

Em Lucrécio, porém, embora se possa vir a divisar a “superficialidade” como falta de elos consolidados entre parceiros, não se pode dizer o mesmo da relação entre o *magister* e os *discipuli* do *De rerum natura*. Esse único poema do autor, amiúde, tem sido visto pela crítica como uma espécie de apaixonada difusão das ideias do supracitado Epicuro de Samos (TREVIZAM, 2014, p. 144-147), o qual, inclusive, Lucrécio chega a equiparar a um *deus* por conta, considera, dos incalculáveis benefícios que sua filosofia trouxera aos seres humanos,²¹

¹⁹ OVÍDIO, *Ars amatoria* III, 591-594: *Dum cadit in laqueos, captus quoque nuper, amator/ solum se thalamos speret habere tuos;/ postmodo riuaem partitaque foedera lecti/ sentiat. Has artes tolle; senescit amor* (trad. Matheus Trevizam).

²⁰ OVÍDIO, *Ars amatoria* III, 611-616: *Qua uafer eludi possit ratione maritus,/ quaque uigil custos, praeteriturus eram./ Nupta uirum timeat; rata sit custodia nuptae;/ hoc decet, hoc leges duxque pudorque iubent./ Te quoque seruari, modo quam uindicta redemit,/ quis ferat? Vt fallas, ad mea sacra ueni* (trad. Matheus Trevizam).

²¹ LUCRÉCIO, *De rerum natura* V, 1-12: *Quis potis est dignum pollenti pectore carmen/ condere pro rerum maiestate hisque repertis?/ Quisue ualet uerbis tantum qui fingere laudes/ pro meritis eius possit*

libertando-os de profundas angústias no tocante à experiência da morte, ao contato com o antes desconhecido funcionamento do Universo e aos deuses, não mais vistos como rancorosos e ameaçadores entes prestes a castigar, mas sim como modelos de sábia conduta e felicidade, retirados embora nos *intermundia*.²² Além da seriedade do conteúdo e do empenho lucreciano em tornar-se, de fato, bom “professor”, a grande densidade de tratamento dos assuntos, tendo realizado o poeta a abordagem da atomística de Epicuro desde uma escala muito pequena – livros 1 a 2 – até, ao longo da progressão do texto, o Universo em grandiosa dimensão – livros 5 a 6 –,²³ também parece dissuadir qualquer leitor atento de ver em *De rerum natura* algo distinto de uma *comprometida* e eficaz tentativa de veicular em latim, para uso dos interessados, os princípios da escola filosófica eleita pelo autor.

No tocante à face curativa da preceptística galante ovidiana, pode-se dizer em poucas palavras que, enquanto Lucrécio privilegia a prevenção do enamoramento,²⁴ o qual considera funesto e doloroso mesmo quando o afeto é

qui talia nobis/ pectore parta suo quaesita<que> praemia liquit?! Nemo, ut opinor, erit mortali corpore cretus./ Nam si, ut ipsa petit maiestas cognita rerum,/ dicendum est, deus ille fuit, deus, inclute Memmi,/ qui princeps uitae rationem inuenit eam quae/ nunc appellatur sapientia, quique per artem/ fluctibus e tantis uitam tantisque tenebris/ in tam tranquillo et tam clara luce locauit. – “Quem pode com inspiração poderosa compor um poema digno da majestade do assunto e destas descobertas? Quem terá forças para em palavras cantar os louvores conforme os méritos daquele que nos deixou tais bens nascidos e adquiridos dos seus esforços? Ninguém, creio eu, que tenha nascido com um corpo mortal. Portanto, se, como o pede a própria e reconhecida majestade do assunto, se tem de falar dele, não há dúvida, ó Mêmio glorioso, que foi um deus, um deus, aquele que primeiro descobriu a regra da existência que se chama agora sabedoria, aquele que trazendo a nossa vida, por meio da sua arte, de tão grandes ondas e de tão grandes trevas, colocou-a em lugar tão tranquilo e em tão clara luz” (trad. Agostinho da Silva).

²² HADOT, 2010, p. 180: “Essa é uma das grandes intuições de Epicuro: ele não concebe a divindade como um poder de criar, de dominar, de impor sua vontade aos inferiores, mas como a perfeição de ser supremo: felicidade, indestrutibilidade, beleza, prazer, tranquilidade. A filosofia encontra na representação dos deuses a um só tempo o prazer maravilhado que se pode experimentar admirando-se a beleza, e o reconforto que pode proporcionar a visão do modelo de sabedoria. Nessa perspectiva, os deuses de Epicuro são a projeção e a encarnação do ideal de vida epicurista”.

²³ TREVIZAM, 2014, p. 135: “Acreditamos que Lucrécio tenha organizado os conteúdos de sua exposição atomística segundo um plano compositivo no qual estão contemplados, de um lado, o andamento crescente do muito pequeno para o muito vasto e, de outro, sucessivas subdivisões do todo em três pares de livros”.

²⁴ LUCRÉCIO, *De rerum natura* IV, 1146-1148: *Nam uitare, plagas in amoris ne iaciamur,/ non ita difficile est quam captum retibus ipsis/ exire et ualidos Veneris perrumpere nodos.* – “De fato, é mais fácil evitar o sermos lançados aos males do amor do que depois de presos sair daquelas redes e quebrar os fortes nós de Vênus” (trad. Agostinho da Silva).

correspondido,²⁵ o sulmonense apenas se dá à tarefa de sanar as dores dos *discipuli*... depois que o mal, ironicamente, já está feito, ou seja, depois de, tendo o aluno aplicado à sua vida os “seguros” conselhos da *Ars*, ocorrer inesperada mudança de perspectiva, passando ele, de “controlador” de afetos, próprios ou alheios, a mais uma vítima de Cupido. Uma específica passagem de *De rerum natura*, por sinal, encontra ecos em *Remedia amoris* (BROWN, 1987, p. 282-283), como permite visualizar o cotejo dos dois contextos:

Uma negra tem a cor do mel; a imunda e fedorenta é apenas maltratada; a de olhos verdes, uma Palas; a nervosa e lenhosa, uma gazela; a baixinha, a anãzinha, uma das graças, um puro grão de sal; a grande, a colossal, uma maravilha plena e majestosa. A tartamuda que não sabe falar chilreia; a muda é pudica; a incendiária, a odiosa, a tagarela, torna-se uma chama; aquela que nem pode viver de magreza é um delicado amorzinho e a que morre de tosse é realmente um mimo. A avantajada, a de grandes seios, é a própria Ceres, depois de nascido Baco; a de nariz achatado é uma silena, é uma sátira; a de grandes lábios, um puro beijo. E seria muito longo se eu tentasse enumerar as outras coisas da mesma espécie.²⁶

O quanto possível, torna em defeitos os dotes da menina e ilude teu julgamento pela sutileza de limites. “Inchada”, se tem corpo, se é morena, “negra” se diga; na delgada, pode ser uma falha a magreza; e poderá ser chamada “atrevida” a que não é simples, ser chamada “simples” a que for honesta.²⁷

Nos dois trechos, na verdade, ocorre o recurso à mesma estratégia de buscar trazer à sanidade um apaixonado “cego”, fazendo-o entender que, talvez, os atributos da *puella* amada não sejam tão positivos. Assim, no primeiro caso, o entorno permite inferir que se trata de avisos dados aos amantes inveterados por

²⁵ LUCRÉCIO, *De rerum natura* IV, 1141-1145: *Atque in amore mala haec proprio summeque secundo/ inueniuntur; in aduerso uero atque inopi sunt,/ prendere quae possis oculorum lumine operto,/ innumerabilia; ut melius uigilare sit ante,/ qua docui ratione, cauereque ne inliciaris.* – “E, no entanto, tudo isso se encontra ainda no amor propício e favorável; mas, num amor adverso e sem esperança são inumeráveis os males que se poderiam encontrar, mesmo estando apagada a luz dos olhos; é por isso que é melhor estar à vela já antes, do modo que ensinei, e ter cuidado em não se deixar prender” (trad. Agostinho da Silva).

²⁶ LUCRÉCIO, *De rerum natura* IV, 1160-1170: *Nigra “melichrus” est, immunda et fetida “acosmos”,/ caesia “Palladium”, neruosa et lignea “dorcas”,/ paruula pumilio, “chariton mia”, “tota merum sal”,/ magna atque inmanis “cataplexis plenaque honoris”./ Balba loqui non quit, “traulizi”, muta “pudens” est;/ at flagrans odiosa loquacula “Lampadium” fit;/ “ischnon eromenion” tum fit, cum uiuere non quit/ prae macie; “rhadine” uerost iam mortua tussi./ At tumida et mammosa “Ceres” est “ipsa ab Iaccho”,/ simula “Silena ac saturast”, labeosa “philema”./ Cetera de genere hoc longum est si dicere coner* (trad. Agostinho da Silva).

²⁷ OVÍDIO, *Remedia amoris* 325-330: *Qua potes, in peius dotes deflecte puellae/ iudiciumque breui limite falle tuum./ Turgida, si plena est, si fusca est, nigra uocetur;/ in gracili macies crimen habere potest;/ et poterit dici petulans, quae rustica non est,/ et poterit dici rustica, siqua proba est* (trad. Matheus Trevizam).

peças próximas e amigas,²⁸ enquanto, no segundo, o próprio *magister amoris*, investindo-se de um papel francamente avesso ao da *Ars amatoria*,²⁹ busca incutir em seus pupilos a repulsa até mesmo pelo que, a depender do ponto de vista em jogo, poderia ser tido como qualidades da amada... Apesar das semelhanças dessa estratégia de fazer “apagar da memória” um amor pela ênfase em aspectos negativos de uma das partes do casal, nota-se, porém, que o tom da passagem lucreciana parece mais virulento,³⁰ não só pela apresentação bizarra e acumulada dos defeitos passíveis de serem apresentados pelas *puellae*, mas ainda porque, no Ovídio dos *Remedia*, o *magister* chega a reconhecer que a moça indócil pode, de fato, ter certas qualidades (*dotes*, v. 325).

²⁸ LUCRÉCIO, *De rerum natura* IV, 1152-1158: *Nam faciunt homines plerumque cupidine caecil/ et tribuunt ea quae non sunt his commoda uere./ Multimodis igitur prauas turpisque uidemus/ esse in deliciis summoque in honore uigere./ Atque alios alii inrident Veneremque suadent/ ut placent, quoniam foedo adfligentur amore,/ nec sua respiciunt miseri mala maxima saepe.* – “É isto o que fazem na maior parte os homens cegos de desejo, atribuindo qualidades àquelas que realmente não as têm. Por isso vemos que muitas que são más e feias vivem em delícias e prosperam no meio de supremas honras. No entanto, eles riem-se uns dos outros e aconselham a que aplaquem Vênus, porque os sentem afligidos por um amor vergonhoso, sem que, pobres deles, vejam os seus males, muito maiores” (trad. Agostinho da Silva).

²⁹ OVÍDIO, *Ars amatoria* II, 657-662: *Nominibus mollire licet mala. Fusca uocetur,/ nigrior Illyrica cui pice sanguis erit;/ si paeta est, Veneris similis, si raua, Mineruae;/ sit gracilis, macie quae male uiua sua est;/ dic habilem, quaecumque breuis, quae turgida, plenam,/ et lateat uitium proximitate boni.* – “Podem-se diminuir os defeitos com eufemismos. Que se diga ‘morena’ a que tiver o sangue mais negro que o pez da Ilíria; se for estrábica, diga-se que se ‘parece com Vênus’, e se tiver as pupilas amareladas, com ‘Minerva’; seja ‘grácil’ a que mal se mantém viva por sua magreza; chama toda pequena de ‘ágil’, a obesa de ‘completa’, e que uma falha se oculte pela proximidade de um bem” (trad. Matheus Trevizam).

³⁰ Para o conhecimento dos vínculos literários pregressos do mesmo trecho, ver Brown (1987, p. 280): “The literary inspiration of this remarkable passage has been discussed in chap. 3.3.i, where it was argued that Lucretius was influenced, directly or indirectly, by Plat. *Rep.* 474d f. and Theoc. 10.24 ff. (cf. 6.18 f.). (...) It is not unlikely that other lost works – perhaps the treatise of Philaenis, perhaps one or more Hellenistic epigrams, perhaps, though it seems unlikely, Epicurus’ *Peri érotos* itself – supplied Lucretius with some of the euphemisms which are not to be found in Plato or Theocritus, but the hypothesis that he is translating or adapting a single Greek model is too extreme”. – “A inspiração literária desta passagem notável foi discutida no cap. 3.3.i, quando se argumentou que Lucrécio foi influenciado, direta ou indiretamente, por Plat. *Rep.* 474d f. e Teoc. 10,24 ss. (cf. 6,18 f.). (...) Não é improvável que outros trabalhos perdidos – talvez, o tratado de Filênis, talvez, um ou mais epigramas helenísticos, talvez, embora pareça improvável, o próprio *Peri érotos* de Epicuro – tenham fornecido a Lucrécio eufemismos que não se devem encontrar em Platão ou Teócrito, mas a hipótese de que ele está traduzindo ou adaptando um único modelo grego é muito radical”.

CONCLUSÃO

Em suma, as distâncias entre aspectos de obras como *De rerum natura*, *Ars amatoria* e *Remedia amoris* não bastam, em contrapartida, para apagar todos os pontos passíveis de aproximação quando as cotejamos. A começar, então, 1. pela adoção dos “mesmos” mecanismos da poesia didática antiga para a exposição dos saberes, passando 2. pelos avisos contra os perigos da perda de controle na vivência erótico-amorosa de quaisquer indivíduos (perda de controle essa advinda da paixão, sempre posta sob suspeita) e 3. contra a consequente busca de um danoso exclusivismo em face de um único e obsessivo objeto do desejo, e finalizando 4. pela tentativa de eliminar a cegueira, ou viciante fixidez de olhar dos amantes convictos, as obras citadas acabam por aproximar-se, eventualmente, em certas concepções sobre o amor.

Sobre as “distâncias” entre Lucrécio e Ovídio, aqui compreendido como o *magister amoris* depreensível das linhas de *Ars amatoria* e *Remedia amoris*, podemos retomar, em tentativa de recapitulação do que dissemos, os pontos 1. de os “conselhos” lucrecianos tenderem ao *autocontrole* da própria postura erótico-amorosa, enquanto os de Ovídio, ao menos de acordo com as ambíguas promessas do professor da *Ars*, almejam, em última circunstância, o controle alheio; 2. de Lucrécio aconselhar a superficialidade, ou uma conduta de ter vários parceiros – veja-se ideia de “Vênus vagabunda” em *De rerum natura* IV, 1071 –, a seus alunos de amor, enquanto Ovídio, além de proceder semelhantemente com seus *discipuli* e *discipulae*, também manifesta ele próprio postura de inconstância didática, tanto diante do alunado de sexo masculino, quanto daquele de sexo feminino. Ele, assim, ora ensina aos homens como iludir as mulheres, ora o contrário; ora constrói uma imagem negativa das mulheres como seres insidiosos, que devem ser capturados com armas tão perigosas quanto aquelas de que se servem para cativar os amantes (livros I e II), ora “inocenta” essas mesmas personagens do jogo amoroso (livro III).

Adicionalmente, 3. se o curso de amor ovidiano, em sua parte “positiva” – a *Ars amatoria* – fosse, de fato, tão inócuo, não teria sido preciso ao sulmonense ainda dar-se à tarefa, depois de tê-la concluído, de negar e desfazer os laços (mal) estabelecidos através de sua palavra de “educador”, enquanto o cauto Lucrécio, preferindo a prudência em clave epicurista, quis desde o início dissuadir do estabelecimento de qualquer ligação galante mais estável, mesmo que “falsa”. Enfim, 4. na operação de “desfazimento” da paixão, bem o vimos, Lucrécio

procedeu de forma virulenta e, parece, mais profundamente ridicularizadora das “beldades” que Ovídio, em *Remedia amoris* 325-330.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Peter. *The art of love: amatory fiction from Ovid to the Romance of the rose*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1992.

BOYANCÉ, Pierre. *Lucrece et l'épicurisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

BROWN, Robert D. *Lucretius on love and sex: a commentary on “De rerum natura” IV, 1030-1287, with prolegomena, text and translation*. Leiden/New York: E. J. Brill, 1987.

CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a history*. Trad. Joseph B. Solodow. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

CONTE, Gian Biagio. Love without elegy: the “Remedia amoris” and the logic of a genre. In: CONTE, Gian Biagio. *Genres and readers: Lucretius, love elegy Pliny's Encyclopedia*. Trans. by Glenn W. Most. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1994, p. 35-65.

EPICURO; LUCRÉCIO; CÍCERO; SÊNECA. *Antologia de textos; Da natureza; Da república; Consolação a minha mãe Hélvia; Da tranquilidade da alma; Medeia; Apocoloquintose do Divino Cláudio*. Trad. Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

GALE, Monica Rachel. *Myth and poetry in Lucretius*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2010.

HOLZBERG, Niklas. *Ovid: the poet and his work*. Trans. by G. M. Goshgarian. Ithaca/London: Cornell University Press, 2002.

LABATE, Mario. *L'arte di farsi amare: modelli culturali e progetto didascalico nell'elegia ovidiana*. Pisa: Giardini Editore, 1984.

LVCRETIVS. *De rerum natura*. Recognouit breuique adnotatione critica instruxit Cyrillus Bailey. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 2009.

OVIDE. *L'art d'aimer*. Texte établi et trad. par Henri Bornecque. Paris: Les Belles Lettres, 1960.

OVIDE. *Les remèdes à l'amour; Les produits de beauté pour le visage de la femme*. Texte établi et trad. par Henri Bornecque. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

PROPÉRCIO. *Elegias*. Organização e trad. Guilherme G. Flores. São Paulo/Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TOOHEY, Peter. *Epic Lessons: an introduction to the ancient didactic poetry*. London/New York: Routledge, 2010.

TREVIZAM, Matheus. *Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrécio*. Campinas: Unicamp, 2014.

TREVIZAM, Matheus. Semelhanças e diferenças no tratamento do tema amoroso por Lucrécio (“De rerum natura”) e Ovídio (“Ars amatoria”). *Ágora: Estudos Clássicos em debate*, Aveiro, vol. 17, p. 229-261, 2015.

VOLK, Katharina. *The poetics of Latin didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. Oxford: Oxford University Press, 2002

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 15 de maio de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 18 de setembro de 2016.